

“O PROFESSOR LUIZ É UM LIXO”¹: DO FAZER VÁRIAS BRINCADEIRAS AO ESTUDO DO BOXE

LUIZ ALBERTO DOS SANTOS

¹ Longe de me vitimizar, mas a fala foi dita (e escrita na lousa) por uma criança em uma outra tematização, porém, em muitos momentos, as crianças também reclamavam por não fazerem as atividades como no ano anterior. Não tínhamos embates desrespeitosos, mas algumas sempre deixavam claro que preferiam a outra Educação Física, na qual, segundo disseram, sempre faziam várias brincadeiras.



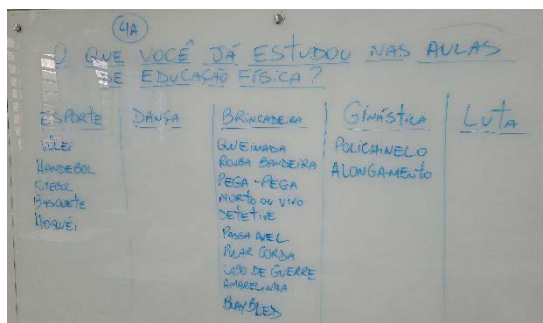
A experiência pedagógica descrita ocorreu no segundo semestre de 2022, na Escola Estadual Agostinho Cano, localizada no bairro Jardim Nova Cidade, no município de Guarulhos, e, teve duração de um bimestre. As turmas envolvidas foram os 4º anos A, B, C, D, E do Ensino Fundamental I. Depois de dois anos de licença sem vencimentos, retornei o trabalho na rede estadual de ensino², nesta escola que é muito próxima à região onde moro.

No semestre anterior, após o estudo da ginástica rítmica e do parkour, combinamos que tematizaríamos uma luta, mas ainda não tínhamos pensado em qual seria, já que no entorno da escola há muitos locais onde essa prática corporal acontece. Realizamos diversas conversas, tanto para entender o que já tinham estudado, quanto para investigar o que seria interessante abordar. Após as discussões, pensamos que o boxe seria nossa melhor escolha, pois consideramos o grande número de crianças que frequentavam o Coliseu Boxe Center³, onde aprendem e praticam sem qualquer custo, além dessa luta, outras modalidades esportivas.

² Optei pelo afastamento da rede estadual para estar mais presente na vida das minhas duas filhas, já que também sou professor da rede municipal de São Paulo e sentia que não estava dando a atenção que gostaria de dar.

³ Instituto que tem como objetivo a assistência a famílias carentes através do esporte, principalmente o boxe.

“O professor Luiz é um lixo”: do fazer várias brincadeiras ao estudo do boxe



Iniciamos conversando sobre qual era a primeira coisa que vinha em suas cabeças quando falávamos da luta e do boxe. As falas relacionaram luta e violência (sangue, morte, quebrar a cara, murro, chute, voadora). Esses pronunciamentos eram rebatidos por algumas crianças que praticavam boxe no Coliseu; “não é violência, é uma luta”, “a luva não deixa machucar muito”, “não tem chute, vacilão”, “mulher também luta”.

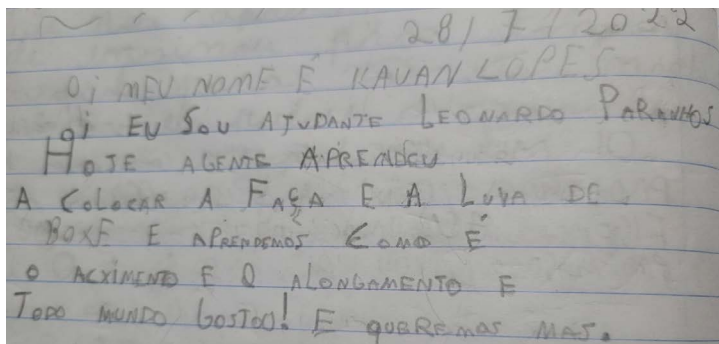
Na aula seguinte fizemos as primeiras movimentações da luta, acompanhando as orientações do Kauan e da Kimberllyn, que praticavam boxe há mais tempo. Ele trouxe a luva, que foi apresentada para todas as turmas, ela trouxe a faixa (bandagem) e explicou que era usada nas mãos antes de colocar as luvas, a fim de protegê-las.



Tanto o Kauan quanto a Kimberllyn disseram que era importante começar o boxe pela parte física, então, experimentamos exercícios como

corrida, alongamento, abdominal, flexão de braço. Ambos mencionaram que isso ajudava muito na realização dos golpes e na melhoria da agilidade e força.

As crianças nos ensinaram a base do boxe, conseguimos entender a importância da postura na hora de lutar e da guarda para se defender, porque não poderíamos entrar no ringue de qualquer forma, tampouco com a guarda baixa, uma boa base implicaria numa melhor execução dos gestos e a guarda era importante para não levar muitos golpes, principalmente no rosto. Levei o saco de pancadas, aparadores de soco e algumas luvas de minha outra escola para continuarmos acessando os conhecimentos que nos eram, com muita dedicação das crianças, apresentados. Importante mencionar que desde o início tudo o que acontecia era registrado pelas crianças em um caderno que continha espaços reservados para cada turma e, próximo ao final da aula, uma criança, uma dupla ou um trio anotava o que considerava importante.



Enquanto exercitávamos os golpes (jab, direto, gancho, cruzado, uppercut, guarda, esquivas), pesquisei e preparei uma apresentação sobre a história do boxe. Durante a explicação, as crianças mostravam surpresa com as falas e as imagens apresentadas na televisão⁴ da sala. Diziam que o boxe era muito violento no passado, porque não havia luvas e vencia quem permanesse vivo. Ao observarem os tipos, além do olímpico e profissional, ficaram impressionadas com o boxe para usuário(a)s de cadeiras de rodas, pois na visão delas, essas pessoas não lutavam.

Após um período de aulas voltado aos golpes, as crianças perguntavam quando realizaríamos a luta propriamente dita. Confesso que estava com muito receio de alguma criança se machucar. Quando conversamos sobre a possibilidade de lutar, o Kauan e a Kimberllyn disseram que no Coliseu elas faziam um treino chamado *sparring*, em que a luta acontecia, porém, com uma força menor nos golpes. A sugestão dada pelas crianças que praticam boxe foi rapidamente aceita pelas turmas. Organizamos as duplas com quem desejava participar, buscando aproximar as características físicas e seguindo as regras oficiais do boxe.

Antes de lutar, pesquisamos sobre como eram divididas as categorias no boxe, a fim de entender qual seria o nosso critério para escolher a criança que seria sua oponente. Vimos que as classificações eram feitas pelo peso e, para a nossa classificação, elencamos o tamanho. Ressaltamos que não seriam permitidos golpes abaixo da linha da cintura e acordamos que ninguém empregaria muita força. Começamos assim a experimentar o *sparring*.

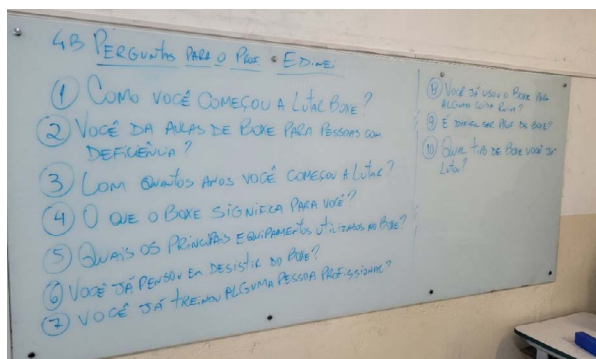
⁴ Com a pandemia de Covid-19, as escolas estaduais passaram a utilizar vídeos produzidos por docentes da rede nas aulas remotas. Eram transmitidos pelo [Centro de Mídias](#), órgão ligado à Secretaria de Educação, e cada sala possui um equipamento multimídia, composto por televisão e caixa de som, pois, mesmo com o retorno presencial, os vídeos continuaram sendo produzidos e, alguns/as docentes continuam utilizando em suas aulas.



Nas primeiras lutas, eu permanecia atento ao combate, sendo o que podemos chamar de “árbitro central”, encarregado de separar, marcar o tempo combinado coletivamente (dois minutos e um único round) e chamar as próximas crianças que fariam o *sparring*. Gradativamente, as próprias crianças assumiram essas funções. As demais atuavam como juradas, levando em consideração a pesquisa feita sobre as pontuações no boxe, já que o nocaute não é o único critério para definir a vitória. A ideia quanto ao formato do nosso ringue eu trouxe da outra escola em que trabalho, onde tematizava muay thai e os jovens que praticavam essa luta disseram que montavam o ringue com cordas e cones, pois suas academias não possuíam ringues. As crianças gostaram e acataram a ideia. O Kauan e a Kimberllyn explicaram que cada lutador(a) tem o seu corner, onde a equipe técnica dá instruções e água nos intervalos entre os rounds.

Uma outra ação importante foi entrar em contato com o Coliseu Boxe Center. A gestão do instituto apresentou-me ao professor de boxe Edinei Pernilongo, agente de boxeador(a)s e um dos diretores da equipe de luta do local. Todos foram bem atenciosos e fizeram questão de anunciar os objetivos que a entidade possui em relação à população do bairro. Como seria impossível promover uma visita das cinco turmas do 4º ano, devido à quantidade de crianças e o tamanho do espaço, o professor Edinei se prontificou a ir até a escola junto com sua equipe e conversar a respeito da “nobre arte”.

Quando souberam da visita, as crianças ficaram bastante empolgadas. Sugeri que elaborássemos perguntas para que o professor e sua equipe respondessem e nos ajudassem a entender melhor o boxe.



O dia da visita foi motivo de muita alegria e ansiedade por parte das crianças, pois era a primeira vez que elas passavam por essa experiência. O professor Edinei demonstrou a luta com as pessoas da sua equipe e, durante a entrevista, respondeu às questões que as crianças prepararam.



As crianças partilharam o que entenderam e o que acharam da visita. Todas as falas agradeceram ao professor Edinei e sua equipe. Também pontuaram aspectos que não tínhamos estudado ou planejado, como quando saber que uma pessoa está preparada para lutar, se ele já havia usado o boxe fora do ringue para se defender, se ele acreditava que o boxe era violento. O convidado fez questão de frisar que ele entrou no boxe justamente para segurar sua raiva, pois quando jovem, seu pai e sua mãe o matricularam em uma academia para aprender a controlar seus senti-

mentos e sua força. Também disse que no boxe e em qualquer outra arte marcial há muita disciplina, e isso ajuda as pessoas a não baterem nas outras somente porque sabem lutar.

Na aula seguinte, algumas crianças desenharam e escreveram, enquanto outras foram filmadas dizendo o que mais lhe chamou atenção no estudo do boxe. Importante frisar que não me apoiei no Currículo Paulista por não compactuar com suas ideias, até porque, caso seguisse, não estudaríamos a luta no terceiro bimestre e, sim, no segundo.



Observando os registros, penso que nossa tematização foi importante para um melhor entendimento do boxe e da Educação Física enquanto espaço de diálogo, escuta, onde todas as crianças podem expressar-se, mesmo que um grupo menor siga desejando realizar várias brincadeiras nas aulas.